

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ISAAC LEVI AGOSTINHO PINHEIRO

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA A RENASCENÇA PSICODÉLICA

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

ISAAC LEVI AGOSTINHO PINHEIRO

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA A RENASCENÇA PSICODÉLICA

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Alex Figueiredo da Nóbrega

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

ISAAC LEVI AGOSTINHO PINHEIRO

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA A RENASCENÇA PSICODÉLICA

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 03/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: PROF. ME. ALEX FIGUEIREDO DA NÓBREGA

Membro: DR. RAUL MAX LUCAS COSTA/ UNILEÃO

Membro: ESP. KALINE JACÓ SIQUEIRA/ RENFA

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA A RENASCENÇA PSICODÉLICA

Isaac Levi Agostinho Pinheiro¹
Alex Figueiredo da Nobrega²

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar o retorno psicodélico e o papel da profissional de psicologia dentro do contexto clínico com essas substâncias, além de trazer algumas considerações em relação ao epistemicídio dos saberes dos povos originários quanto ao uso de psicodélicos e o avanço dos estudos. Trata-se de uma pesquisa cujo método empregado foi a revisão narrativa da literatura. O avanço do neoliberalismo e a pandemia da COVID-19 impactou diretamente na saúde mental dos sujeitos, contribuindo para o aumento de transtornos mentais. Frente a isso a terapia com psicodélicos se mostra eficaz principalmente com pacientes refratários, sendo crucial a presença de psicólogas facilitando o processo terapêutico e dialogando com comunidades originárias para a construção de uma renascença psicodélica ética, justa e segura.

Palavras-chave: psicodélicos; saúde mental; psicologia; transtornos mentais; epistemicídio.

ABSTRACT

The current study aimed to present the psychedelic return and the role of psychologists working with those substances in a clinical context, besides bringing some considerations about the epistemicide of native folks' knowledge and research advancement. This article used, methodologically, a narrative review of literature. The neoliberalism expansion and the COVID-19 pandemic directly impacted the mental health of people, contributing to mental disorders increase. Confronted with it, psychedelic therapy is efficiently shown in the treatment of refractory patients, as well as it is crucial the presence of psychology professionals facilitating the process and dialoguing with native communities to build ethically, fairly and safely the psychedelic renaissance.

Keywords: psychedelics; mental health, psychology, mental disorders, epistemicide.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: isaaclevijua@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: alexfigueiredo@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O avanço do neoliberalismo tem como consequência, visível e quase palpável, fortes impactos negativos para os sujeitos inseridos nas sociedades que giram em torno dessa lógica. Medeiros, Pinho e Sousa (2023) apontam que o modelo neoliberal não está simplesmente ligado a assuntos de nível governamental e econômico, mas também tem sido um agente ativo nas modificações das relações sociais, atravessando as subjetividades dos indivíduos e mostrando-se como um grande inimigo da saúde mental. Dardot e Laval (2016) utilizam a terminologia *neossujeito* para se referir aos indivíduos que compõem sociedades neoliberais, pessoas cada vez mais individualizadas tentando, incansavelmente, atingir uma alta performance de produção, atravessadas por sentimento de culpa e adoecimentos.

O sofrimento dos *neossujeitos* pode se manifestar através de transtornos de caráter psíquico, o que torna importante fazer um recorte do contexto sociocultural para que o adoecimento não fique preso somente ao viés biomédico e orgânico. Desde a virada do milênio, os números de casos de depressão e ansiedade crescem acentuadamente (World Health Organization, 2017), segundo o relatório da Organização Pan-americana de Saúde, apresentado em 2022, mais de 300 milhões de pessoas sofrem com depressão e com os impactos de incapacidade relacionados à condição, ao mesmo tempo em que somente no Brasil mais de 18 milhões de pessoas apresentam distúrbios ansiosos, sendo esses transtornos mais prevalentes em mulheres.

Também é importante elencar que a pandemia da COVID-19 contribuiu para o aumento da problemática relacionada à saúde mental. A drástica mudança no estilo de vida das pessoas, como consequência do cenário pandêmico, gerou sofrimento psíquico, acarretando sintomas como medo, estresse e tristeza que podem se desenvolver em um transtorno de ansiedade, pânico e depressão que, de acordo com Fogaça, Arossi e Hirde (2021), isso pode se dar por conta do isolamento social ou por outros fatores relacionados aos impactos na economia global e na renda das pessoas. A pandemia escancarou, ainda mais, o adoecimento mental como um problema de saúde pública, tornando urgente pensar soluções e traçar estratégias que possibilitem assegurar a saúde e o bem-estar das populações.

Frente a isso, cresceu acentuadamente a busca de dispositivos e serviços relacionados à saúde mental e, além disso, algumas instituições religiosas estão se promovendo em cima da pauta, como as igrejas neopentecostais. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010, apresenta que mais de 43 milhões de brasileiros se consideram protestantes neopentecostais, esse grupo se ampliou bastante desde

o censo realizado no ano 2000. Conforme Barbosa (2018), as igrejas evangélicas avançam com promessas de curas imediatas e prosperidade, gerando um trânsito religioso de novos fiéis que passam a aderir essa doutrina quando não alcançam a suposta cura de suas mazelas em outras religiões, se mostrando como um lugar de cuidado que promete suprir os déficits dos espaços de saúde pública.

Paralelo a isso, o uso de medicamentos psicotrópicos para o tratamento de possíveis transtornos também cresceu nas últimas décadas. Somente no Brasil são consumidos 500 bilhões de frascos de medicações anualmente, com os benzodiazepínicos compondo a maior parte desse número (Couto *et al.*, 2015). A administração dessas medicações passou a ser a principal terapêutica destinada a transtornos, mas também tem sido a via de desvio para qualquer desconforto que surge diante a vida, como angústias e inseguranças (Ferrazza *et al.*, 2010), acarretando a medicalização da vida, capturando e deixando as experiências reféns do conhecimento biomédico e desconsiderando que o adoecimento também está atrelado a questões socioculturais e econômicas. Ainda, o uso prolongado de medicações psicotrópicas traz algumas implicações, como o aumento da tolerância, fazendo-se necessário aumentar a dose ou mudar a substância, apresentando perda dos efeitos esperados (Nogueira, 2012).

Destarte, ao passo que crescem essas demandas e problemáticas relacionadas à saúde mental em todo o mundo, também é possível visualizar um movimento chamado de Renascença Psicodélica que pode trazer contribuições importantes para o cenário. Atualmente, muitas pesquisas estão interessadas no potencial terapêutico das substâncias psicodélicas e, conforme Rodrigues (2019, p. 56), são estudos que acontecem “seguindo rigorosos protocolos e metodologias para garantir maior segurança e eficácia” em tratamentos de Transtornos Depressivos, Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e Transtornos por Uso de Substâncias, para citar como exemplos. A terapia com psicodélicos aponta para se tornar uma nova alternativa para pacientes que já se encontram sob tratamentos convencionais que não apresentam mais eficácia, tornando-se, até mesmo, uma futilidade terapêutica.

O termo “psicodélico” foi cunhado por Humphrey Osmond em 1957, um neologismo criado a partir de dois termos: *psique* (alma, mente, espírito) e *delos* (manifestação, revelação). Logo, psicodélico significa a manifestação da mente, uma vez que as substâncias desta classe de drogas alteram o nível de consciência, assim como o funcionamento cognitivo e de sensopercepção (Beserra, 2022), possibilitando a manifestação de conteúdos psíquicos. O uso de psicodélicos pela humanidade acontece há milhares de anos, encontrados na natureza em plantas e fungos, comumente utilizados por povos originários em rituais espirituais, todavia com o avanço da ciência, os pesquisadores também passaram a se interessar pelos

efeitos dessas substâncias ativas, começando a produzirem de modo isolado nos laboratórios para possibilitar estudos mais direcionados (Vanin, 2020).

A título de exemplo, no início da década de 1950, a psiquiatria e a psicologia estavam engajadas com os primeiros trabalhos realizados com a dietilamida do ácido lisérgico, mais conhecida pela sigla LSD, substância isolada em laboratório pelo químico Albert Hofmann a partir do fungo presente no centeio, *Claviceps purpurea*, indicando efeitos ansiolíticos e antidepressivos quando usado em contexto clínico (Morais, 2019). Todavia, essa e outras substâncias psicodélicas passaram a ser ilegais por conta da onda proibicionista que surge em 1970, inviabilizando a continuação das pesquisas sobre o potencial terapêutico no tratamento de transtornos de humor e dependência química, como alcoolismo e tabagismo (Kominski, 2021).

Somente com a chegada do novo milênio, nos anos 2000, que os estudos retornam enfrentando os estigmas do proibicionismo e, agora, os psicodélicos se mostram como uma real possibilidade de alternativa para superar a falha dos tratamentos convencionais de transtornos refratários (Vanin, 2020). No contexto brasileiro, estudos acerca da dimetiltriptamina (DMT), substância presente na *ayahuasca*, bebida enteógena amazônica, são pioneiros em nível mundial, assim como trabalhos com psilocibina e cetamina.

O avanço das pesquisas mostra a necessidade da presença de psicoterapeutas em todo o processo de tratamento, ademais é um compromisso da psicologia acompanhar os movimentos que surgem na contemporaneidade, sendo importante perguntar-se: quais as contribuições da psicologia para a Renascença Psicodélica? Diante do questionamento, o presente estudo objetiva apresentar as substâncias psicodélicas e a práxis da psicologia nesse contexto, explorando os protocolos utilizados e a importância dessas competências no tratamento de transtornos, além de trazer aspectos necessários contra o epistemicídio dos saberes dos povos originários que já faziam uso dessas substâncias há milhares de anos.

2 METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa básica pura e descritiva, na qual empregou-se metodologicamente uma revisão narrativa da literatura, ou seja, a análise de publicações científicas para discutir e descrever de modo qualitativo (Rother et. al., 2007), aprofundando o entendimento e tornando o tema mais elucidado para auxiliar na construção de novos cenários.

Para tal, foram utilizadas as bases eletrônicas do Google Acadêmico, Scielo, PubMed, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e a Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies (MAPS). O período de levantamento da pesquisa aconteceu entre fevereiro e setembro de 2024, aderindo o seguinte conjunto de palavras-chave para os descritores da pesquisa: “psicodélicos”, “saúde mental”, “psicologia”, “transtornos mentais” e “epistemicídio”. Os critérios de inclusão adotados foram trabalhos nos idiomas português e inglês, publicados a partir do ano 2000 que conservavam a temática e apresentavam relevância, excluindo aqueles que se repetiam.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A HISTÓRIA DA BICICLETA E UMA BREVE TRAJETÓRIA DOS PSICODÉLICOS NA CIÊNCIA

Os psicodélicos ficaram ainda mais evidentes na ciência com o suíço Albert Hofmann que, em 1929, iniciou seu trabalho na empresa de produtos químicos Sandoz. Desde o início demonstrou grande interesse em estudar o fungo esporão-de-centeio (*Claviceps purpurea*) que, como o próprio nome sugere, se desenvolve como parasita do centeio de trigo. Com o decorrer das investigações, Hofmann objetivando desenvolver um estimulante cardiorrespiratório, em 1938 sintetizou uma substância chamada de dietilamida do ácido lisérgico, com a sigla LSD-25 ou simplesmente LSD, como ficou popularmente conhecida anos mais tarde (Rodrigues; Beserra, 2015).

Porém, ainda consoante a Rodrigues e Beserra (2015), tendo em vista que para fabricar o LSD demanda um cuidado minucioso, além dos custos com as pesquisas naquela época, a Sandoz não mostrou interesse no fármaco e o trabalho com a dietilamida do ácido lisérgico foi engavetado. Somente na primavera de 1943 Hofmann voltou a sintetizar a droga para novas apurações, durante esse processo o composto entrou em contato com a sua pele despropositadamente, o que lhe gerou alguns efeitos:

Na sexta feira, 16 de abril de 1943, eu precisei parar meu trabalho no laboratório no meio da tarde e ir para casa, estava tomado por uma inquietação combinada com vertigens. Em casa, ao deitar, me senti profundamente com uma sensação agradável, em uma condição de intoxicação que me permitia uma imaginação extremamente estimulada. Como estar em um sonho, de olhos fechados (a luz do dia estava muito brilhante ao ponto de incomodar), eu percebi o surgimento ininterrupto de imagens fantásticas, com formatos caleidoscópicos e coloridos

extraordinários. Após duas horas esses efeitos diminuíram (Hofmann, 1979/2013, p. 18, tradução nossa).

O episódio despertou ainda mais a curiosidade do químico em relação ao LSD, logo no dia 19 de Abril de 1943, Hofmann se auto-administra uma dose de 250 µg da droga diluída em água e, 40 minutos depois, começou a sentir efeitos semelhantes ao dia anterior, mas dessa vez mais intensamente. Novamente com vertigens, inquietação, vontade de rir e distorções na visão e na percepção do tempo, Hofmann vai do laboratório para sua casa acompanhado de sua assistente³, e tendo em vista as restrições do uso de automóveis por conta do contexto da Segunda Guerra, o percurso foi feito de bicicleta (Hofmann, 1979/2013) e por isso a data ficou conhecida como o Dia da Bicicleta, além de apresentar o potencial psicoativo do composto LSD-25.

Depois dessa descoberta, rapidamente foram realizados experimentos com animais objetivando aprofundar o conhecimento acerca da droga, somente em 1947 que o primeiro estudo com humanos foi sistematizado pelo Dr. Werner A. Stoll, apresentando resultados semelhantes aos efeitos da mescalina, substância psicoativa presente em cactos específicos de uma região do México que já vinha sendo estudada anteriormente. O LSD estimula o sistema nervoso simpático, gerando aumento da temperatura corpórea, dilatação das pupilas, sendo absorvido facilmente pelo trato gastrointestinal e distribuído principalmente para áreas cerebrais responsáveis pela regulação emocional (Hofmann, 1979/2013).

Com os avanços dos trabalhos de pesquisa, os psicodélicos passaram a ser usados em psicoterapia analítica em território europeu e estadunidense, tendo em vista que conteúdos de experiências passadas esquecidas e/ou eventos traumáticos podem emergir novamente a consciência sob o uso do psicotrópico, possibilitando trabalhar essas questões de maneira direta e em um período de tempo menor, mas essa prática ainda é pauta de discussões sobre sua validade. Além disso, o fármaco também era utilizado com objetivos de analgesia em pacientes paliativos em fim de vida, possibilitando também que essas pessoas criassem novos significados sobre vida e morte diante desse contexto de finitude (Hofmann, 1979/2013).

Ainda no seu livro *LSD: my problem child*, Hofmann (1979/2013) aborda a sua preocupação e insatisfação com as notícias sensacionalistas em cima do LSD que ocasionou a disseminação do uso recreativo do psicofármaco, isso também se deu por influência do Timothy Leary que não considerava os riscos do uso de drogas em ambientes sem segurança. Era o início do movimento *hippie* que, em sua ascensão, aderiu ao uso do psicodélico, o que

³ A tradução do alemão para o inglês, de maneira errônea, se refere à assistente de Hofmann, Susi Rammstein, no gênero masculino (Leite, 2020).

possibilitou e ampliou as produções políticas, artísticas e estéticas da época, mas de acordo com Leite (2020) o uso se tornou descontrolado principalmente por jovens estadunidenses que integravam esse grupo de contracultura, insatisfeitos com a situação do país, a produção de armas nucleares e o contexto da Guerra do Vietnã, acarretando ao governo dos Estados Unidos proibir as substâncias psicoativas e classificá-las como ilícitas e de grande risco para a sociedade. Ainda segundo a autora, a proibição em território estadunidense foi uma forte influência para a Organização das Nações Unidas (ONU) iniciar a campanha da guerra às drogas, atingindo diretamente as pesquisas que estavam sendo realizadas com as substâncias psicodélicas naquela época, as quais foram interrompidas. Estima-se que mais de mil artigos já haviam sido produzidos e publicações que constatarem progresso de pacientes.

3.2 O RETORNO DOS PSICODÉLICOS E A PRESENÇA DO PSICÓLOGO NO *SETTING*

Somente depois da virada do milênio, Moreno *et al.* (2006) dirigiu um estudo clínico com nove participantes acometidos pelo Transtorno Obsessivo Compulsivo, administrando diferentes dosagens de psilocibina. Durante os experimentos, os sintomas reduziram significativamente e mesmo não apresentando nenhuma consequência adversa, a amostra não foi suficiente para comprovar os efeitos distintos nas diferentes doses e a eficácia do tratamento. É a partir daí que novos estudos começaram, mais uma vez, a serem aplicados para diferentes demandas ao redor do mundo, como psilocibina para questões de tabagismo e etilismo nos Estados Unidos, ayahuasca em ensaios clínicos para depressão severa no Brasil, LSD administrado para ansiedade associada a doenças que geram risco a vida na Suíça (Rucker; Iliff; Nutt, 2018). Esse movimento da ciência em se interessar de novo e reconsiderar essas substâncias tem sido chamado de “Renascença Psicodélica” ou “Retorno Psicodélico”.

Afinal, os psicodélicos são fármacos que possuem moléculas parecidas com os receptores neurais presentes no sistema nervoso central (SNC), portanto são substâncias psicotrópicas. Porém, podem receber outras terminologias a depender do contexto, como por exemplo psicodisléptico, sugerindo uma perturbação no SNC, ou de psicoscópicas, em uma conotação positiva, na qual a substância facilita perceber com maior nitidez os processos subjetivos (Rodrigues, 2019). Os psicodélicos são divididos em clássicos e atípicos, esses primeiros atuam diretamente com a serotonina, como agonista do receptor 5HT-2A, são exemplos de psicodélicos clássicos/serotoninérgicos a psilocibina, encontrada em alguns fungos, o DMT, presente na *ayahuasca*, e o LSD (Bezerra, 2022). Esse neurotransmissor é

“responsável pela modulação de diversos aspectos fisiológicos e cognitivos, desde humor, apetite, aprendizagem e sono” (Viol *et al.*, 2021, p. 7). Já os psicodélicos atípicos possuem outras formas de atuação, MDMA, ibogaína e cetamina podem ser citados como exemplos da classe dos atípicos (Bezerra, 2022). O mecanismo de ação das substâncias desse grupo se difere dos clássicos e entre elas mesmas, segundo Gomes (2021) a ação da ibogaína, apesar de não estar ainda totalmente definida, acontece nos neurotransmissores glutamatérgicos e colinérgicos.

Outrossim, apesar dos psicodélicos estarem no imaginário coletivo como drogas perigosas, quando administrados em ambientes controlados apresentam perfil toxicológico seguro e baixa tolerância (Nichols 2004), ou seja, essas substâncias não provocam dependência ou efeitos de abstinência, como também não geram graves efeitos fisiológicos. Contudo, durante o tempo de ação desses compostos no organismo, podendo ser entre 04 a 12 horas a depender da substância, quantidade e o contexto de administração, alguns efeitos agudos podem emergir no campo como colocam Escobar e Roazzi (2010):

Alterações de pensamento com mudanças na percepção do tempo, de cores, de luminosidade e de realidade; alterações da memória, emergência de conteúdos e da criatividade imaginativa; déficits de atenção e focalização da atenção, atenção incomum em pequenos detalhes e grandes conceitos; mudanças no significado de conceitos e palavras ou significância das experiências; letargia e dificuldades no autocontrole; sensações corporais incomuns; alternâncias entre sensações de frio e calor; estado de embriaguez; aumento da introspecção; alucinações visuais de olhos fechados, enredos, estórias, encontros com entidades, padrões colorido ou mandalas, prazerosos ou terríficos; sinestesia (mistura dos sentidos sensoriais, por exemplo, sentir o cheiro de uma cor); euforia e felicidade; regressão, vivências físicas ou psicológicas de traumas, eventos da biografia em geral; amplificação dos sentidos, principalmente visuais, auditivos e táteis; experiência de qualidade noética; experiências transpessoais; náuseas e vômitos; dificuldade de concentração; dificuldade de comunicação; e, de paranóia, medo, pânico (Escobar; Roazzi, 2010, p. 161).

Atentando para esses possíveis efeitos, dentro do contexto clínico, ou até mesmo em outros espaços, para reduzir danos e garantir benefícios nas experiências psicodélicas, o manejo se apoia na tríade *Drug-set-setting*, conceito criado por Tim Leary, Rick Alpert e Ralph Metzner e, depois, ampliado por Zinberg para visualizar tridimensionalmente as práticas de uso com qualquer substância psicotrópica, não somente as psicodélicas (Rodrigues, 2019).

Todo uso cuidadoso de psicodélicos deve atentar à: *drug* - aspectos relacionados à substância (origem, quantidade, composição, concentração, farmacologia, etc.); *set* - fatores ligados a quem utiliza a substância

(condições fisiológicas, psicológicas, patológicas, sociais, culturais, expectativas, experiência anterior); *setting* - aspectos do contexto (elementos estéticos do contexto físico, interpessoal, político, cultural, histórico) (Rodrigues, 2019, p. 23).

Como posto anteriormente, o uso de psicodélicos dentro de contextos clínicos já é uma realidade. Atualmente, no Brasil, a administração das substâncias com a finalidade terapêutica de transtornos acontece somente dentro de modelos de pesquisas clínicas seguindo os protocolos da Psicoterapia Assistida por Psicodélicos (PAP), que possui três etapas, a saber: a preparação, a sessão de administração da substância e a integração. Estas etapas são recomendadas pela Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies (MAPS) em seus ensaios com MDMA para o tratamento de transtorno de estresse pós-traumático (Mithoefer; Emerson, 2017).

Chama-se de ‘preparação’ as sessões que antecedem a administração da substância, é nesse momento que terapeuta e paciente se encontram para explanar dúvidas relacionadas aos efeitos psicodélicos e investir no vínculo, assim como explorar a história de vida do paciente, qual a demanda para o tratamento e quais as suas expectativas (Horton; Morrison; Schmidt, 2021). É fundamental que aconteça pelo menos um desses encontros prévios, principalmente, para fortalecer a relação terapêutica objetivando assegurar que o ambiente e a presença dos profissionais farão o paciente (*set*) sentir-se confortável, seguro e apoiado durante a experiência psicodélica.

A segunda fase da PAP ocorre dentro de um ambiente controlado, uma vez que o *setting* também influencia nos efeitos e na experiência, com a presença de dois terapeutas. Na revisão sistemática realizada por Horton, Morrison e Schmidt (2021), ensaios clínicos com microdosagens de psilocibina aconteceram com pacientes deitados de modo confortável, com os olhos fechados/vendados e com a reprodução de músicas padronizadas no ambiente, assim como a decoração da sala de aplicação foi também pensada estrategicamente para transmitir a sensação de segurança em alguns desses estudos revisados.

Da mesma forma acontece com o uso de MDMA para o tratamento de TEPT, a Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies dispõe de algumas recomendações que devem ser seguidas pelos profissionais nessa fase do tratamento como presença empática; reconfortar o paciente verbalmente, quando necessário; tocar e segurar a mão⁴, quando solicitado; adotar uma postura de não diretividade⁵ durante o processo; facilitar a percepção do corpo e da respiração. O fármaco durante sua ação no organismo terá um período de pico

⁴Durante a fase de preparação são realizados acordos em relação ao toque físico durante a experiência psicodélica do paciente (Mithoefer; Emerson, 2017).

⁵ Esse modelo não-diretivo se apoia nas teorias rogerianas e existenciais (Horton; Morrison; Schmidt, 2021)

que pode trazer à tona sensações de felicidade e gratidão, mas o paciente também pode se deparar com memórias de eventos traumáticos e sentimentos intensos. Nesse momento, os terapeutas, respeitando os limites e resistências, devem encorajar o paciente a explorar as sensações e sentimentos, voltar-se para si mesmo, introspectar, tendo como objetivo possíveis *insights* e resoluções de conflitos mais tarde (Mithoefer; Emerson, 2017).

A partir do momento que os efeitos do psicodélico diminui “os terapeutas podem falar mais extensivamente com o participante sobre o que ele experienciou durante a sessão” (Mithoefer; Emerson, 2017, p. 43), ao final são repassadas informações acerca de possíveis efeitos agudos após o uso do fármaco e os terapeutas se colocam disponíveis no caso de surgir alguma intercorrência. Logo após, no dia seguinte, inicia-se a terceira etapa da PAP, a integração, que como conceitua Bathje, Majeski e Kudowor (2022):

Integração é um processo no qual uma pessoa revisita e envolve-se ativamente para dar significado, trabalhar, traduzir e processar o conteúdo de sua experiência psicodélica. Através de sua própria intenção e recebendo apoio, esse processo permite capturar e incorporar, gradativamente, as lições e insights que emergem na sua vida, movimentando-se em direção de um maior equilíbrio e totalidade, tanto internamente (mente, corpo e espírito) quanto externamente (estilo de vida, relações sociais e a natureza) (Bathje; Majeski; Kudowor, 2022, p. 04, tradução nossa).

Nas sessões de integração, os terapeutas devem responder a todas as dúvidas e perguntas que o paciente possa vir a ter, assim como oferecer apoio para a elaboração de suas respostas emocionais e novas perspectivas que surgiram após a experiência psicodélica. Também é importante validar a experiência para o participante, ajudando a explorar os *insights* sobre a vida e relacionamentos, buscando significado para as memórias e pensamentos que emergiram (Mithoefer; Emerson, 2017). Por conseguinte, ainda segundo os autores, a integração deve ser continuada e o paciente pode contactar os profissionais durante as semanas seguintes. Nessas situações o terapeuta e o participante discutem preocupações, procedimentos que ajudam a expressar-se, aspectos de bem-estar ou desconfortos, rede de apoio e encorajar, ou até mesmo encaminhar para psicoterapia o paciente ao término das sessões de integração.

Fica evidente que as substâncias psicotrópicas não são as protagonistas do tratamento, “o efeito terapêutico não se dá apenas pelos efeitos fisiológicos da medicação, mas sim da interação entre os efeitos da droga, o setting terapêutico e a disposição do participante e dos terapeutas” (Mithoefer; Emerson, 2017, p. 5, tradução nossa). Portanto, emerge como

demanda a presença das psicólogas atuando nesse campo, mas, para isso, a psicologia precisa investir em qualificação e preparação voltadas para o trabalho com psicodélicos.

Além das competências de escuta e presença empáticas, assim como a não diretividade, também compete aos terapeutas conhecimento aprofundado sobre as drogas administradas, os possíveis efeitos que podem emergir e o manejo a partir da tríade *Drug-set-setting*. Mithoefer e Emerson (2017) ainda trazem a importância de assumir uma postura despatologizante sobre alguns conteúdos que emergem e podem ser caracterizados como regressão e/ou dissociação e, também, suspender moralismos, uma vez que os psicodélicos geram estados de consciência não ordinários.

As pesquisas mostram que aspectos relacionados à espiritualidade podem aparecer durante as experiências psicodélicas, sendo também papel da psicóloga explorar esses conteúdos junto ao participante. A experiência espiritual em contexto clínico pode auxiliar no processo de autoconhecimento e favorecer o surgimento de significados para a vida (Oliveira; Junges, 2012), sendo crucial considerar como os sujeitos se afetam e interpretam essa experiência que transcende o ego.

Aspectos socioculturais também devem ser considerados, sendo imprescindível reconhecer os marcadores de gênero e raça dos pacientes. Como colocado anteriormente, é importante não ficar refém apenas do saber biomédico que desconsidera outras questões que contribuem para o sofrimento dos *neosujeitos* afogados na lógica patriarcal e na cisheteronormatividade. À vista disso, a psicóloga deve atuar com um olhar que visualiza como esses marcadores se interseccionam e influenciam na saúde mental dos indivíduos

Interseccionalidade no campo da saúde permite aguçar o olhar sobre como as tramas sociais se relacionam à construção do ser saudável e, mais especificamente, para a saúde mental, um campo fertilizado pela subjetividade. Este conceito atua como uma ferramenta que auxilia na aproximação da compreensão do que a saúde mental vem a ser e como se desdobra na vida de cada um. Ele instrumentaliza as reflexões sobre quem realmente é um indivíduo, marcado pelas relações simbólicas que se constroem, ratificam-se e se reificam ao longo do tempo, à medida que este ocupa (ou desocupa) espaços e papéis sociais (Vieira; Torrenté, 2022, p. 03).

Ainda no que tange a cultura e sociedade, lembra-se que os psicodélicos por muito tempo, e ainda hoje, estão em um lugar de marginalidade e ilegalidade, o que pode “representar desafios a mais para os terapeutas que oferecem o tratamento para pessoas de uma cultura diferente” (Mithoefer; Emerson, 2017, p. 11, tradução nossa), tornando essencial uma comunicação sensível, assertiva e acessível.

Em face disso, cabe a psicóloga adotar uma postura e uma ética que seja capaz de pensar criticamente sobre a lógica proibicionista de lidar com as substâncias psicoativas e de compreender a lógica de redução de danos como essencial nesse processo, participando ativamente e contribuindo com as coletividades de movimentos sociais e grupos marginalizados para avançar na luta contra o estigma e a garantia de direitos das pessoas que fazem uso de psicotrópicos e psicodélicos, dentro ou fora de contexto clínico.

3.3 TECNOLOGIA ANCESTRAL: CO-CRIAR CAMINHOS COLABORATIVOS E JUSTOS

Até o momento, o presente trabalho trouxe a história e o que se sabe sobre essas substâncias dentro da perspectiva científica, porém os psicodélicos transcendem o saber científico hegemônico, sendo necessário trazer algumas discussões fundamentais para o campo já que o uso dessas substâncias por diferentes povos e civilizações datam de milhares de anos. Para citar como exemplo, os astecas consideravam os cogumelos psilocibinos a “carne dos deuses”, em uma tradução para o termo *teonanacalt*, usados em cerimônias ritualísticas (Carneiro, 2021). No Brasil, e em outros países abarcados pela floresta amazônica, povos indígenas desenvolveram uma bebida enteógena conhecida pelo nome de *ayahuasca*, feita a partir da infusão de duas plantas, o cipó do mariri (*Banisteriopsis caapi*) e as folhas da chacrona (*Psychotria viridis*), conseguindo assim extrair ativos de substâncias betacarbolinas e dimetiltryptamina (DMT) (Xavier *et al.*, 2018), substâncias essas consideradas psicodélicas, também usando a bebida em rituais religiosos e de cura.

Outra figura importante para a história e sabedoria psicodélica é Maria Sabina, uma mulher mexicana, considerada uma xamã no seu povoado, que utilizava cogumelos psilocibinos com o propósito de cura em rituais, chamados por ela mesma, de “veladas”. Os conhecimentos dessa curandeira acerca dos cogumelos, os quais ela se referia por “los niños”, foram repassados por seus ancestrais, logo Sabina era uma guardiã de uma herança transgeracional de um povo que sempre esteve em contato com os potenciais efeitos da psilocibina. No ano de 1955, aconteceu o encontro de Maria Sabina com Gordon-Wasson, um banqueiro estadunidense e entusiasta da micologia, quando este fez uma viagem até o povoado onde a mexicana morava. Wasson teve a possibilidade de participar de alguns rituais realizados por Sabina, assim como pôde estudar “los niños”. Os trabalhos de Wasson sobre os

cogumelos e os rituais da xamã foram responsáveis para que Hoffman e a ciência ampliassem as pesquisas sobre a psilocibina (Couto, 2017).⁶

Atualmente, as pesquisas sobre psicodélicos esquecem de elencar o conhecimento e a produção dos povos originários, corroborando para o apagamento de personalidades como Sabina e de comunidades originárias⁷ inteiras, como as da região amazônica. Esse movimento aponta para um epistemicídio que, segundo Aparecida Sueli Carneiro (2005) citando Boaventura Sousa Santos (1997),

[...] Se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos do conhecimento. A formulação de Boaventura Sousa Santos acerca do epistemicídio torna possível apreender esse processo de destituição da racionalidade, da cultura e civilização do outro (Carneiro, 2005, p. 96; Boaventura Sousa Santos, 1997).

Harvey (2018) pontua que os povos indígenas e negros começam a sofrer ataques a suas culturas e perder a propriedade das medicinas psicodélicas a partir do imperialismo europeu. A manutenção disso segue através do imperialismo médico que invalida as práticas de cuidado e saúde dessas populações, ao mesmo tempo em que se apropriam dos benefícios e comercializam esses saberes sem reparar danos. Anderson, Elf e Isham (2024) elencam a importância dos contextos ritualísticos como redução de danos, uma vez que é onde se co-criam limites e intenções para o uso dos psicodélicos (quando, onde, com quem e para quê usar), todavia a apropriação colonial e mercadológica descontextualiza as práticas do uso ancestral dos psicodélicos e seus efeitos terapêuticos, afetando também a saúde coletiva dessas populações que fazem disso suas práticas de cuidado e saúde.

Os autores ainda trazem uma questão voltada para a divulgação dos psicodélicos e as pesquisas nos meios de comunicação e mídia. A falta de cuidado na circulação dessas informações pode influenciar no aumento do uso das substâncias psicodélicas em contextos que não oferecem segurança, também podendo trazer uma conotação sensacionalista para os espaços de ritualísticas, fortalecendo a apropriação cultural.

Como forma de resistência frente a isso, pode-se elencar aqui a Conferência Indígena da Ayahuasca. A sua primeira edição ocorreu em 2017, no território do povo Poynawa, no

⁶A divulgação dos trabalhos de Wasson sem o devido cuidado, obrigou Sabina a encerrar suas atividades ritualísticas devido ao aumento de visitantes em seu vilarejo. A história de Sabina é contada no documentário “Maria Sabina: mulher espírito”, dirigido por Nicolás Echevarría, em 1978.

⁷As pesquisas com ayahuasca são desenvolvidas, em sua grande maioria, com comunidades ayahuasqueiras não-indígenas.

Acre. O evento reúne lideranças indígenas para debater e propor soluções para o epistemicídio e apropriação cultural,

Desde o resgate dos diferentes povos do conhecimento do uso tradicional da medicina no passado; os limites de compartilhamento desse conhecimento com os não indígenas; a criação de cursos de formação de utilização de plantas medicinais; a definição de direitos autorais sobre as músicas de *uni*; uma resolução de usar os nomes nativos ao invés do nome genérico de ayahuasca; redefinir com as autoridades a excessiva fiscalização de medicinas indígenas pelos agentes públicos durante as viagens de xamãs para fora das aldeias; incluir a presença de pajés na comissão do Iphan no processo de avaliação do registro da ayahuasca como patrimônio cultural brasileiro junto às igrejas daimistas e criar um processo próprio de avaliação do registro da ayahuasca como patrimônio cultural dos povos indígenas (Silva, 2018, p. 191).

Apesar de se tratar de uma conferência sobre a ayahuasca, as discussões levantadas servem como abertura para debates que contemplem outros psicodélicos que também são tecnologias ancestrais, como a Ibogaína, a Jurema, a psilocibina, e o peiote. Integrar e possibilitar o protagonismo epistêmico dos povos originários e marginalizados trata-se não somente de uma questão ética, mas também de justiça social. E mais, “é necessário não apenas traduzir o que eles dizem para o nosso vocabulário técnico-científico, mas, principalmente, compreender o modo como dizem e nos seus próprios termos” (Bairrão, 2017, p. 55).

A psicologia, para seguir e ampliar seu trabalho nesse cenário, deve estar alinhada com o compromisso de dialogar com essas comunidades para construir em colaboração o retorno psicodélico, trabalhando a partir das referências originais de quem possui autoridade de um conhecimento milenar sobre essas substâncias. O Giro Decolonial pode ser a via para uma renascença psicodélica mais ética e justa, esse conceito e movimento permite a legitimação de conhecimentos que fogem da norma eurocêntrica, trazendo à luz outras compreensões sobre a natureza, relações sociais e experiências de vida, descentralizando o saber hegemônico colonial (Lima; Kosop, 2019). Reconhecer as diversidades epistemológicas não significa negar o que se construiu dentro da academia, mas contribuir para a ampliação de conhecimento e práticas que possam abarcar a pluralidade de existências.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento em torno das substâncias psicodélicas, que avança lentamente contra o estigma do proibicionismo ao ganhar novos contornos dentro da ciência, pode ser uma nova

alternativa para o tratamento de transtornos mentais. As pesquisas apontam os potenciais terapêuticos dos psicodélicos como um tratamento eficaz, especialmente para pacientes refratários que não obtêm resultados em abordagens convencionais. Desse modo, é crucial que a psicologia se atualize às novas práticas que estão emergindo, cabendo ao Conselho Federal de Psicologia e as instituições de ensino superior promover formações que possibilitem não apenas a prática de novos métodos, mas uma visão crítica sobre aspectos socioculturais que implicam no adoecimento, para não seguir na lógica neoliberal de culpabilizar e individualizar o sujeito.

Percebeu-se durante essa pesquisa que os trabalhos desenvolvidos estão muito interessados nos efeitos das substâncias e o contexto clínico, deixando escapar questões de gênero e raça, epistemicídio, aspectos éticos e o cuidado na divulgação das pesquisas. Os meios de comunicação e mídia já estão de olho nos psicodélicos, podendo gerar um aumento no consumo sem segurança pela população e um cenário de promessas messiânicas como aconteceu nos Estados Unidos, entre os anos de 1970 e 1980. É preciso criar espaços de debates para elaborar estratégias de redução de danos para abarcar esses aspectos e possíveis impactos dos avanços dos trabalhos com psicodélicos.

Destarte, o presente estudo buscou destacar a importância de reconhecer e legitimar o conhecimento e as práticas de cuidado dos povos originários, que acontecem em rituais e na coletividade. Comunidades indígenas ayahuasqueiras e figuras como Maria Sabina ilustram como o conhecimento ancestral é essencial para a compreensão mais ampla dos efeitos psicodélicos, e como descontextualizar coloca em risco essas comunidades e favorece o epistemicídio de saberes transgeracionais. Neste sentido, é fundamental que a psicologia se alinhe com os princípios do Giro Decolonial, buscando romper com as estruturas eurocêntricas e hegemônicas do saber tecnocientífico, para só assim se construir uma renascença psicodélica ética, justa e segura.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, K.; ELF, P.; ISHAM, A. Psychedelics as a tool for a more connected and sustainable world? Considering the importance of rituals, boundaries and commitment. **International Journal of Drug Policy**, v. 133, p. 104571, 2024.

BAIRRÃO, J. F. M. H. Protagonismo epistêmico dos povos indígenas: o papel da etnopsicologia. **Psicologia para América Latina**, n. SPE, p.53-62. 2017.

BARBOSA, A. É. N. G.. Aspectos do neopentecostalismo na igreja mundial do poder de Deus. **e vista**, 2018.

BATHJE, G. J.; MAJESKI, E.; KUDOWOR, M. Psychedelic Integration: an analysis of the concept and its practice. **Frontiers in Psychology**, v. 13, p. 824077, 2022.

BESERRA, F. R. *et al.* **Redução de danos em crises induzidas por psicodélicos: uma leitura junguiana**. 2022. Tese (doutorado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022

BEZERRA, S. G. Q. **Potencial Terapêutico da psilocibina no transtorno depressivo: uma revisão**. 2022.

CARNEIRO, A. D. **Psilocibina - Potencial terapêutico em Psiquiatria**. 2021. Tese (mestrado em medicina) - Universidade Beira Interior, Portugal, 2021.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, SP, 2005.

COUTO, F. R. *et al.* **Medicamentos psicotrópicos: uso, prescrição e controle**. 2015

COUTO, P. S. T. **Psilocibina: perspectiva sociopolítica e potencial terapêutico na adição**. 2017. Tese (mestrado em medicina) - Universidade de Lisboa, Portugal, 2017.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo, Boitempo, 2016.

ESCOBAR, J. A. C; ROAZZI, A. Panorama contemporâneo do uso terapêutico de substâncias psicodélicas: ayahuasca e psilocibina. **Neurobiologia**, v. 73, n. 3, p. 159-172, 2010.

FERRAZZA, D.A. *et al.* A banalização da prescrição de psicofármaco em um ambulatório de saúde mental. **Paidéia**, 20 (47), 381-390. 2010.

FOGAÇA, P. C.; AROSSI, G. A.; HIRDES, A. Impacto do isolamento social pela pandemia COVID-19 sobre a saúde mental da população em geral: Uma revisão integrativa. **Research, society and development**, v.10, n. 4, p. E52010414411-e52010414411, 2021.

GOMES, B. R. **O uso da Ibogaína no manejo da dependência de drogas: um estudo qualitativo de seguimento por um ano**. 2021. Tese (doutorado em saúde coletiva) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, 2021.

HARVEY, I. Why the Psychedelic Community is so White. **Chacruna**, 2018. Disponível em: <https://chacruna.net/why-psychedelic-community-is-so-white/>.

HOFMANN, A. **LSD: My problem child**. Oxford University Press, USA, 2013.

HORTON, D. M.; MORRISON, B.S.; SCHMIDT, J. Systematized review of psychotherapeutic components of psilocybin-assisted psychotherapy. **American journal of psychotherapy**, v. 74, n. 4, p. 140-149, 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KOMINSKI, M. B. **O uso de psicodélicos na saúde mental - uma revisão da literatura**. 2021.

- LEITE, M. M. **Tradução da ciência psicodélica e disseminação de conhecimento**. 2020. Monografia (graduação em Letras) - Universidade de Brasília, 2020.
- LIMA, J. E. S.; KOSOP, R. J. C. Giro Decolonial e o Direito: para além das amarras coloniais. **Revista Direito e Práxis**, v. 10, p. 2596-2619, 2019.
- MEDEIROS, J. V. M. C.; PINHO, E. F. M.; SOUSA, J. C. O discurso neoliberal como formador de laço social e o impacto na saúde mental. **JNT - Facit Business and Technology Journal** - ed. 41. Vol. 01. 2023.
- MENEZES, V. G. **Estudo por docagem molecular do efeito antidepressivo de psicodélicos clássicos no receptor 5-HT_{2A}**. 2023.
- MITHOEFER, M. C.; EMERSON, A. A Manual for MDMA - Assisted Psychotherapy in the Treatment of Posttraumatic Stress Disorder. **Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies**, v. 8, 2017.
- MORAIS, C. L. **Terapia Psicodélica**. 2019. Tese (mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2019.
- MORENO, F. A. *et al.* Safety, tolerability and efficacy of psilocybin in 9 patients with obsessive-compulsive disorder. **Journal of clinical Psychiatry**, v.67, n. 11, p. 1735-1740, 2006.
- NOGUEIRA, M. L. **Efeitos dos antidepressivos a longo prazo**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade da Beira Interior.
- OLIVEIRA, M. R. DE.; JUNGES, J. R.. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 17, n. 3, p. 469-476, 2012.
- RODRIGUES, S.; BESERRA, F. R. Drogas Pesadas em discussão no Primeiro Seminário sobre Psicodélicos do Rio de Janeiro. **Argumentum**, [S. I.], v. 7, n. 1, p. 108-125, 2015.
- RODRIGUES, S. Introdução ao uso de psicodélicos em psicoterapia. **Associação Psicodélica do Brasil**. 2019.
- ROTHER *et al.* Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paul Enferm.** 2007; 20:v-vi
- RUCKER, J. JH.; ILIFF, J; NUTT, D. J. Psychiatry & the psychedelic drugs. Past, present & future. **Neuropharmacology**, v. 142, p 200-218, 2018.
- SILVA, D. B. Yubaka Hayrá: notas sobre a Conferência Indígena da Ayahuasca. **Campos**, v. 19, n. 1, p. 183-194, 2018.
- VANIN, B. D. **“Terapias psicodélicas”: Discussão dos riscos, benefícios e desafios do uso de substâncias alucinógenas para o tratamento de transtornos psiquiátricos**. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- VIEIRA, V. M. S. A.; TORRENTÉ, M. O. N. Saúde mental e interseccionalidade entre estudantes em uma universidade pública brasileira. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, p. e210674, 2022.
- VIOL, A. *et al.* Física estatística aplicada à neurociência de estados alterados: o cérebro sob influência de psicodélicos. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 43, n. Suppl 1, p. e20200440, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION *et al.* **Depression and other common mental disorders: global health estimates.** World Health Organization, 2017.

XAVIER, P. B.; SILVA, I.; PAZ, M. C. As propriedades Terapêuticas da Ayahuasca. **III Conbracis**, 2018.